

# Em psicanálise, a angústia tem lógica? Introduzindo uma leitura lógica modal da angústia na direção do tratamento

---

João Pedro Queiroz

## Resumo

Partindo da hipótese de que a relação com a angústia se transforma na medida em que uma análise avança, neste artigo propomo-nos acompanhar, de maneira introdutória e ensaística, os desdobramentos lógicos da angústia no interior do tratamento psicanalítico à luz das elaborações de Lacan sobre a lógica modal. Com uma inicial revisão do lugar da angústia nas teorias de Freud e Lacan, a consideração por seu papel central na constituição subjetiva nos permite atribuir à angústia o estatuto lógico do *necessário*, não apenas na formação do sujeito, mas na direção de uma análise. No entanto, a desmontagem da fantasia seria homóloga à elaboração de outra relação com o campo pulsional, o que implicaria uma virada clínica e lógica na relação com a angústia: não mais necessária, mas uma angústia *possível*. A passagem lógica do necessário ao possível, entretanto, demandaria a consideração clínica pelo *impossível* próprio à lógica não toda fálica. Assim, seria possível sustentar, ao fim de uma análise, uma angústia possível, que permita, nos termos de Freud, amar e trabalhar, e, nos termos de Lacan, desejar e gozar.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Angústia; Lógica modal; Tratamento.

## In psychoanalysis, does anxiety (*angst*) have a logic? Introducing a modal logical reading of anxiety into treatment direction

## Abstract

Starting from the hypothesis that the relationship with anxiety (*angst*) changes as an analysis progresses, in this article we propose to follow, in an introductory way, the logical developments of anxiety into treatment direction based on Lacan's elaborations

on the modal logic. When reviewing the place of anxiety in the theories of Freud and Lacan, the consideration of its central role in the subjective constitution allows us to attribute to anxiety the logical status of the *necessary*, not only in the formation of the subject, but in the direction of an analysis too. However, the dismantling of fantasy would be homologous to another relationship with the drive field, which would imply a clinical and logical turn in the relationship with anxiety: from a necessary anxiety, to a *possible* one. The logical passage from necessary to possible, would require clinical consideration of the *impossible* inherent to non-whole phallic logic. Thus, it would be possible to sustain, at the end of an analytical treatment, a possible anxiety, which allows, in Freud's terms, to love and to work, and, in Lacan's terms, to desire and to enjoy.

### **Keywords:**

Psychoanalysis; Anxiety; Modal logic; Treatment.

## **En psicoanálisis, ¿tiene lógica la angustia? Para una lectura lógica modal de la angustia en la dirección del tratamiento**

### **Resumen**

Partiendo de la hipótesis de que la relación con la angustia cambia a medida que avanza el análisis, en este artículo nos proponemos seguir, de manera introductoria, los desarrollos lógicos de la angustia dentro del tratamiento psicoanalítico a la luz de las elaboraciones de Lacan sobre la lógica modal. Con una revisión inicial del lugar de la angustia en las teorías de Freud y Lacan, la consideración de su papel central en la constitución subjetiva permite atribuir a la angustia el estatus lógico de lo *necesario*, no sólo en la formación del sujeto, sino en la dirección de un análisis. Sin embargo, el desmantelamiento de la fantasía sería homólogo a la elaboración de otra relación con el campo pulsional, lo que implicaría un giro clínico y lógico en la relación con la angustia: ya no necesaria, pero sí una angustia *posible*. El paso lógico de lo necesario a lo posible requeriría, sin embargo, una consideración clínica de lo imposible inherente a una lógica no-toda fálica. Así, sería posible sostener, al final de un análisis, una angustia posible, que permite, en términos de Freud, amar y trabajar, y, en términos de Lacan, desear y gozar.

### **Palabras clave:**

Psicoanálisis; Angustia; Lógica modal; Tratamiento.

## En psychanalyse, l'angoisse a-t-elle une logique ? Pour une lecture logique modale de l'angoisse dans le sens du traitement

### Résumé

À partir de l'hypothèse selon laquelle la relation avec l'angoisse se transforme conforme le progrès d'une analyse, nous proposons, dans cet article, d'une façon introductive, suivre les développements logiques de l'angoisse dans le cadre du traitement psychanalytique à la lumière des élaborations de Lacan sur la logique modale. Avec une révision initiale sur la place de l'angoisse dans les théories de Freud et Lacan, la considération de son rôle central dans la constitution subjective nous permet d'attribuer à l'angoisse le statut logique de *nécessaire*, non seulement dans la formation du sujet, mais aussi dans la direction d'une analyse. Cependant, le démontage du fantasme serait homologué à l'élaboration d'une autre relation avec le champ pulsionnel, ce qui impliquerait un tournant clinique et logique dans la relation avec l'angoisse: non plus nécessaire, mais alors une angoisse *possible*. Le passage logique du nécessaire au possible, cependant, nécessiterait une considération clinique de l'*impossible* propre à la logique non-toute phallique. Ainsi, il serait possible de soutenir, au terme d'une analyse, une angoisse possible, qui permet, selon Freud, d'aimer et de travailler, et, selon Lacan, de désirer et de jouir.

### Mots-clés :

Psychanalyse ; Angoisse ; Logique modale ; Traitement.

Sabemos que a angústia é um afeto presente nas elaborações da psicanálise desde os textos considerados pré-psicanalíticos. Pelo lugar excepcional (*Ausnahmsstellung*) ocupado pela angústia na economia psíquica (Freud 1926-1929/2014, p. 94), acompanhar a maneira pela qual esse afeto se apresenta nas formulações teóricas de Freud e Lacan é um exercício extremamente produtivo para aqueles implicados na formação em psicanálise.

Isso porque, ao que nos parece, um dos modos possíveis de visualizar o que seria um processo analítico é acompanhar as relações que se estabelecem com a angústia ao longo do caminho da cura. No presente artigo, pretendemos introduzir e demonstrar a validade dessa hipótese, acompanhando os desdobramentos lógicos da angústia no interior da direção do tratamento em psicanálise a partir da lógica modal trabalhada por Lacan em seu *Seminário 20*.

## Da angústia como constitutiva

De início, recuperemos aquilo que, em 1895, Freud escreve sobre a angústia. No texto, Freud a define como uma entidade clínica dotada de regularidades e sintomas próprios. Um tipo de neurose por ele denominada neurose de angústia, cuja etiologia estaria ligada ao excesso afetivo que se converteria na sensação de desprazer angustiante por conta de alguma frustração sexual: “a libido (energia sexual) termina por soçobrar e a excitação se manifesta subcorticalmente como angústia” (Freud, 1895/1996, p. 110).

Mais de 30 anos depois, em 1926, Freud reconstrói sua teoria geral da angústia, propondo-a não mais como uma entidade clínica específica, mas como experiência constitutiva do psiquismo, cujas primeiras incidências remontam a experiências traumáticas pré-edípicas e anteriores à diferenciação do supereu (Freud, 1926-1929/2014, p. 24). A leitura de “Inibição, sintoma e angústia” nos permite visualizar uma ampliação teórica, seguida de uma torção conceitual: a angústia não é mais apenas sinônimo de desprazer; “ela não é gerada novamente na repressão (recalcamento), e sim reproduzida como um estado afetivo, segundo uma imagem mnêmica já existente” (Freud, 1926-1929/2014, p. 24); e sua origem deve ser buscada antes mesmo das operações ligadas ao complexo de Édipo e à castração.

Nessa nova chave, compreende-se que o ser falante se angustia primordialmente porque não tem condições de suportar o excesso de exigência pulsional a que está submetido. Diante da pulsão, resta o sujeito desamparado e traumatizado diante da incapacidade de responder à totalidade das exigências pulsionais. Ao mesmo tempo, seria próprio do humano, e de suas tendências pulsionais, a auto-preservação — a tentativa de defender-se dessa situação traumática de desamparo. É por esse conflito basilar, entre as exigências pulsionais e a tendência à auto-preservação que habita o Eu, que Freud indica a angústia como sinal de perigo: a partir de então, o Eu passa a considerar como *situação de perigo* futuras ocasiões que o remetam a esse seu conflito constitutivo.

Os sintomas e outros mecanismos defensivos, como inibição, fontes de sofrimento e de gozo,<sup>1</sup> são criados, então, para evitar a situação de perigo, que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia. A angústia está, assim, na origem do sofrimento psíquico — relacionada com o campo de suas causas — e pode ser sentida novamente em ocasiões nas quais uma possível satisfação pulsional é deslocada e vivida como desprazer angustiante. O curioso na proposta de Freud é que, na tentativa de evitar a angústia, de se defender dela, todo um sistema defensivo gerador de sofrimento é erguido pelo ser humano.

Parece-nos que Lacan acompanha a proposta de Freud no que se refere ao lugar central da angústia na constituição subjetiva. No seminário de 1962-1963 (Lacan,

---

1 Benefícios secundários dos sintomas, nas palavras de Freud (1926-1929/2014, p. 30).

1962-1963/2004), ele está propondo a formalização do objeto *a*, objeto cujo sinal é a angústia, sua tradução subjetiva. Esse objeto é o que resta da operação de constituição do sujeito; a partir de então, o sujeito estará dividido, e sua relação com a pulsão estará mediada pela fantasia, própria ao campo do Outro.

Ao que nos parece, a fantasia, nesse ponto, seria análoga, para Lacan, à proposta freudiana a respeito dos mecanismos de defesa produzidos pelo Eu. Ela, a fantasia, estaria interposta entre o Eu e a pulsão; e a angústia, segundo Lacan, leitor de Freud, tem estreita relação com o aparelho de defesa (Lacan, 1962-1963/2004, p. 191). Lacan segue: a angústia, como aquilo que não engana, visa ao real, ao real da divisão significante do sujeito. Antes da divisão pelo campo do significante, estamos no nível mítico do sujeito do gozo. Depois da divisão, o gozo será metaforizado pelo objeto *a*, resto irredutível à *significatização* — é por meio do *a* que o gozo participa do mundo do Outro. Estamos, aqui, no fulcro da questão: posto que “é ao querer fazer esse gozo entrar no lugar do Outro, como lugar do significante, que o sujeito se precipita, antecipa-se como desejante” (Lacan, 1962-1963/2004, p. 193). É nessa hiância, entre desejo e gozo, que o sujeito vem tomar sua posição; e é também aí que se situa a angústia.

Isso significa que, se, para Freud, a angústia indica um conflito basilar entre as exigências pulsionais e as tendências à autopreservação, para Lacan ela emerge no ponto mesmo no qual se situa o sujeito como dividido: entre desejo e gozo. Ou seja, em certas ocasiões, algo da fantasia vacila, e o sujeito se vê dividido, diante do objeto *a*, entre desejo e gozo. Tal como na metáfora do louva-a-deus (Lacan, 1962-1963/2004, p. 14), nesse momento de emergência do objeto *a*, o sujeito pode vir a ser tomado como objeto do gozo do Outro — e, nisso, o Eu se angustia como sinal de perigo: ou gozo, ou desejo.

A partícula *ou*, nesse caso, é índice de angústia, pois, no fundo, trata-se mais de uma dupla implicação do que de uma alternativa verdadeira. Isso porque “propor-me como desejante, *eron*, é propor-me como falta de *a*, e é por essa via que abro a porta para o gozo de meu ser” (Lacan, 1962-1963/2004, p. 198); ou seja, desejar é abrir as portas para o gozo do Outro: “no caminho que condescende ao meu desejo, o que o Outro quer — aquilo que ele quer, mesmo que não saiba em absoluto o que quer — é, no entanto, necessariamente minha angústia” (Lacan, 1962-1963/2004, p. 199). Do que se extrai a conclusão: “só há desejo realizável implicando a (angústia de) castração” (Lacan, 1962-1963/2004, p. 199). Por essa via, pelo menos até certo ponto, onde opera o desejo, há perigo de o sujeito ser tomado como objeto do gozo do Outro, fazendo-o perder seu estatuto de desejante. Um circuito que torna desejar e gozar um desafio e tanto. E é justamente aí que incide nossa hipótese central: ao que nos parece, um tratamento psicanalítico pode vir a estabelecer um corte nesse circuito.

É o que afirma Freud a respeito do tratamento psicanalítico. Para ele, uma análise coloca o Eu em condições de eliminar ou enfraquecer as barreiras defensivas

que ele próprio ergueu (Freud, 1926-1929/2014, p. 100). Isso indica que, invariavelmente, o Eu deve confrontar-se com a angústia no interior do tratamento analítico, levando o analisante a estabelecer uma nova relação com a pulsão e com a angústia. Mas que outra relação seria essa? Como pensar o tratamento da angústia no interior da clínica?

## A lógica modal e o tratamento da angústia

Propomo-nos, agora, recuperar as considerações acerca da lógica modal, trabalhada por Lacan em 1972-1973, para pensar o problema da angústia no interior de um tratamento psicanalítico.

Lembramos que o termo modal refere-se a qualquer sistema formal que pretenda lidar com os diferentes tipos de vínculo entre sujeito e sua predicção (Coscarelli, 2008). Ou seja, trata-se de uma formalização lógica a respeito dos modos de relação entre dois elementos em uma proposição. Na proposição “todos os homens são mortais”, por exemplo, “todos os homens” é o sujeito, predicado por “são mortais”. Quando falamos em lógica modal, a propriedade atribuída ao sujeito é qualificada pelos operadores modais: do necessário, do impossível, do possível e do contingente. Teríamos, por exemplo, “é necessário que todos os homens sejam mortais”. Qualquer alteração da relação lógica entre sujeito e predicado refere-se à proposição em questão, não alterando ontologicamente a definição de cada um de seus elementos quando fora da proposição.

Desde o *Seminário 9*, Lacan articula as fórmulas da sexuação ao quadro de oposições modais de Aristóteles, advertindo-nos, no entanto, de que sua lógica de oposições é distinta,<sup>2</sup> pois é do impossível que se trata na psicanálise, isto é, do real (Bispo & Couto, 2011). Lacan retoma tais articulações no *Seminário 20*. Notadamente, como tentativa matemática de formalizar o impasse pelo qual o real do gozo se inscreve, ou não se inscreve na cadeia: o *necessário*, como aquilo que não cessa de se escrever; o *impossível*, como o que não cessa de não se escrever; o *possível*, como o que cessa de se escrever; e o *contingente*, como o que cessa de não se escrever.

Quando pensamos em um percurso de análise, o que nos parece possível de enxergar a partir das formulações de Freud e Lacan apresentadas, é que, do ponto de vista lógico, haveria algo próprio à experiência da angústia que aponta para uma dimensão do *necessário*. Isso significaria que há algo dela que insiste em se fazer presente no interior da relação do sujeito com o desejo e o gozo (Lacan, 1962-1963/2004), preposto a todo sintoma e sistema defensivo produtor de sofrimento

---

2 Uma das principais distinções lógicas operadas por Lacan diz respeito ao fato de a sustentabilidade de proposições contraditórias não invalidarem determinada sentença. Sobre a lógica paraconsistente, ver Santos (2020).

(Freud, 1926-1929/2014). Assim, as defesas sintomáticas e a fantasia, formuladas como resposta à angústia, implicam a angústia como causa que não cessa de se escrever, posto que na fantasia não há realização de desejo que não implique a angústia de castração, como proposto por Lacan (1962-1963/2004, p. 199).

Um tratamento que compreenda a posição lógica necessária da angústia entenderia que os sofrimentos vivenciados no presente devem ser interpretativamente remetidos e reduzidos a algum anterior conflito gerador de angústia.<sup>3</sup> O que marca uma diferença fundamental entre a psicanálise e a psicologia psiquiátrica, cuja referência diagnóstica (DSM-V) invisibiliza a angústia como partícipe do campo das causas dos sintomas e sofrimentos, não a contabilizando, da mesma forma, como parte de seu tratamento.

A análise acabaria por levar o sujeito, assim, a confrontar-se com a própria angústia — experiência a ser sustentada no processo da cura, posto que logicamente necessária. O legado de Freud nos traria até a esse ponto, o momento no qual um analisante pode entender que dessa angústia não há escapatória. Trata-se do que ele formulou a respeito do complexo de castração como “rocha básica” (*gewachsenen Fels*), que representaria um ponto-limite da cura psicanalítica (Freud, 1937/2018, p. 325). Em outras palavras, no entendimento de Freud, a análise progrediria até o momento em que homem e mulher se deparassem com, e, porventura, aceitassem, sua castração. No homem, isso significaria se convencer de que ter uma atitude passiva perante outros homens, além de ser indispensável em muitas relações da vida, nem sempre (*nicht immer*) significa uma ameaça real de castração; e, no caso das mulheres, aceitar a castração significa abandonar como irrealizável o desejo de ter um pênis.

Em ambos os casos, para Freud, “em nenhum outro momento do trabalho analítico se tem mais a sensação vexativa de esforçar-se repetidamente em vão, de suspeitar que se está ‘pregando no deserto’” (Freud, 1937/2018, p. 326). Ainda assim, ele finaliza o texto deixando a questão em aberto: “se e quando conseguimos dominar esse fator, num tratamento analítico, será difícil dizer. Consolamo-nos com a certeza de que oferecemos ao analisando todo estímulo possível para revisar e mudar sua atitude (*Einstellung*) para com ele” (Freud, 1937/2018, p. 326).

Sabemos que, para Lacan, a psicanálise daria um passo a mais, uma volta a mais para além do rochedo da castração. Prates Pacheco (2012) trabalhou esse tema, afirmando que a criação do conceito de objeto *a*, no *Seminário 10*, permitiu à Lacan inaugurar uma “clínica para além da rocha da castração”. O que vemos nesse seminário é que, ao apresentar a noção de objeto *a*, Lacan reorganiza o que

---

3 É o que escutamos no comentário de uma analisante, que, já com certo caminho percorrido em sua análise, afirmou: “sinto que poderia falar sobre várias coisas que me fazem sofrer, mas, no fim, minha angústia é uma só”.

se definia até então, no campo psicanalítico, pela noção de “perda” (*Verlust*). Tal como pensada por Freud (1926-1929/2014), a angústia tem relação direta com a perda, posto que todas as posteriores condições de revivescência da angústia se articulam com ela: seja pelo perigo da perda do amor do objeto (*Liebesverlust von Seiten des Objekts*), seja pela própria angústia de castração, com o perigo do corte fálico, que também reaparece, ainda que deslocado, na angústia moral, diante do supereu (Freud, 1926-1929/2014, p. 85).

No entanto, até a releitura proposta por Lacan, era comum a interpretação de que a castração teria em si uma conotação moral negativa, ou, no mínimo, que seria a fissura eruptiva de *pathos*. Nessa esteia, o neurótico sofreria por estar fadado a carregar pelo resto da vida o peso dessa perda, tal como se carregava parte da cruz (*patibulum*) no caminho até o calvário. Nesse contexto, a análise seria aproximável a um trabalho infinito de luto e, com isso, permanecia restrita ao paradigma do rochedo da castração.

Com a proposta lacaniana, já no *Seminário 10*, somos levados a pensar que essa perda que incide sobre o vivente é, de alguma forma, resultado de sua própria escolha — ainda que se trate de uma escolha forçada, do ponto de vista lógico, e inconsciente. Uma escolha que, no fundo, é condição de possibilidade para a produção do sujeito, como efeito *a posteriori* da marcação pelo traço unário, que, próprio ao campo do Outro, toma originalmente o ser como objeto. O sujeito advém pela cessão desse objeto ao Outro, objeto *a*. O sujeito consente, assim, com sua castração, para evitar o pior. E, justamente, é com isso que o Eu se angustia, em um tempo futuro, ao tomar esse mesmo *pior*, marcado no passado, como perigo em seu horizonte presente: a perda de sua condição de faltante — de castrado e, portanto, de sujeito desejante — diante da possibilidade de ser tomado como completo diante do desejo do Outro.

Inevitavelmente, uma mudança teórica como essa tem efeitos clínicos importantes. Segundo Prates Pacheco (2012), a elaboração dessa inversão permite a Lacan se dar conta dos limites da fantasia como operadora clínica, sendo a clínica do passe formulada, então, como resposta. Outro efeito que nos parece incidir na direção da cura psicanalítica a partir da inversão semântica proposta por Lacan a respeito da castração refere-se justamente a nosso tema: a angústia. Que essa virada clínica tenha conotação lógica é o passe a que aspiramos demonstrar neste artigo. A lógica da qual se trata nesse caso, como já dissemos, é a lógica modal, e o passo lógico é a passagem da angústia necessária à angústia possível.

## **Da angústia necessária a uma angústia possível**

Como vimos até aqui, a angústia, que em cada sujeito é sinal de um conflito basilar a ele constitutivo, necessariamente tem lugar e aparece, com mais ou menos força, durante uma análise. No entanto, na perspectiva da direção da cura, ao

que nos parece, haveria uma virada lógica na relação com a angústia, derivada de uma virada clínica. Isso porque seria no momento mesmo em que se formula, em análise, esse estatuto necessário e incontornável da angústia que algo poderia vir a ser feito com ela para além do sofrimento neurótico. Como se fosse possível, no sentido clínico, deslocar a experiência da angústia do sistema defensivo que até então a enodava (Freud, 1926-1929/2014), e, com isso, no sentido lógico, produzir uma transição do necessário para o possível. De forma que poderia ser possível desejar e gozar sem se angustiar, ou, mesmo, angustiar-se sem sofrer. Mas como essa virada se dá?

Seguindo as hipóteses que, neste artigo, introduzimos, a transição de uma angústia necessária para uma angústia possível deveria passar, em nossa apropriação clínica da lógica modal, pela consideração de um impossível ligado à angústia. Na lógica, a passagem do necessário para o impossível implica uma negação: se algo é necessariamente verdadeiro, então sua negação é impossível. E, na clínica, de que negação se trata?

Lembramos que, no *Seminário 20*, além de pensar os modos de relação entre gozo e linguagem pela via da lógica modal, Lacan também avança em suas formulações sobre as fórmulas da sexuação: o lado homem teria seu gozo todo orientado pela operação fálica; e o lado mulher, lado Outro, teria acesso a um gozo não todo inscrito na lógica operada pelo falo.

Como vimos, como operadora clínica, a angústia permite a escuta da posição do sujeito na divisão entre desejo e gozo. Na fantasia, a angústia de castração é correlata à operação fálica como ordenadora do gozo: seja pelo perigo de vir a não ser mais o falo, seja pelo perigo de não mais tê-lo, homem e mulher estariam, no exemplo de Freud (1937/2018), no lado todo fálico.<sup>4</sup> A proposta freudiana quanto ao fim de análise nos levaria, assim, até a borda em que o necessário da angústia se apresenta.

No entanto, em 1926, Freud afirma, como vimos, que a primeira experiência da angústia tem relação com a impossibilidade de suportar a exigência da pulsão. A fantasia, operada pela lógica fálica, coloca-se, então, como anteparo para o sujeito. Porém, na travessia da fantasia, em sua desmontagem, algo da relação com a pulsão precisa ser tratado. A pulsão não deixa de ser exigente, mas a contradição na qual, até então, o sujeito se via diante dela precisa de algum modo arrefecer.

É aqui que retomar a leitura do texto de Freud de 1937, à luz do que vimos neste artigo, permite-nos propor um algo a mais na articulação entre lógica e clínica. Retomemos o que ele escreve a respeito da hercúlea tarefa destinada ao

---

4 Seguimos também as pistas de Prates Pacheco a respeito da distinção entre a posição sexual na fantasia e a posição lógica de gozo na sexuação. Nesse caso, a partir de sua leitura do texto lacaniano "A significação do falo" (Lacan, 1958/1998), em seu seminário de Membro de Escola, ofertado no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (2024).

analista diante do rochedo da castração. No caso dos homens, só restaria ao analista tentar “convencer um homem de que uma atitude passiva perante os homens nem sempre significa uma castração e é indispensável em muitas relações da vida” (Freud, 1937/2018, p. 324). A expressão *nem sempre* (*nicht immer*), mais do que um simples uso alegórico da linguagem, parece transmitir precisamente o que seria, para Freud, um horizonte possível, ainda que difícil, para que o tratamento da angústia de castração levasse a cura psicanalítica para além de seu rochedo.

Haveria de ser necessário que o homem se convencesse de uma negação lógica do necessário: o “nem sempre” freudiano seria equivalente lógico ao possível. Entretanto, ao que nos parece, não passaríamos da proposição *necessariamente perigo* (necessário) para um *não necessariamente perigo* (“nem sempre”, possível) sem um passo clínico anterior, que seria equivalente, em termos lógicos modais, à consideração pela proposição *necessariamente não perigo* (impossível). Em termos da lógica modal, no exemplo clínico de Freud, seria como dizer que há pelo menos um mundo no qual é impossível haver o perigo de ser castrado — o que seria impossível do ponto de vista daquele que tem seu gozo todo inscrito no lado fálico. No entanto, como nosso lastro é a clínica lacaniana, haveríamos de ir além da consideração toda fálica. Então, a assunção clínica da possibilidade — ou seja, de que se posicionar passivamente diante de outro homem “nem sempre significa castração” — seria derivada da consideração preliminar de que, ao se posicionar passivamente, o perigo de ser castrado é impossível. E isso só é possível afirmar se na direção do tratamento houver uma abertura ao não todo fálico, ou seja, à possibilidade de haver um gozo não todo castrado. Isso, do ponto de vista clínico, tornaria viável a passagem da angústia de castração, toda inscrita na lógica fálica, para uma lógica não toda fálica, na qual seria possível ser e não ser castrado. A negação de que se trata aqui tem a ver, portanto, com negar o princípio da não contradição, o que, no exemplo clínico de Freud, permitiria a possibilidade de bancar uma posição passiva sem necessariamente perder o falo.

Com isso, a cura, para além da angústia de castração (indicada no *Seminário 10* a partir da formulação do objeto *a*), parece, então, associável a uma cura para além do gozo fálico. Essa operação lógica — que teria como consequência, no fim de uma análise, a possibilidade de um desejo novo, advertido da condição de impossibilidade total de satisfação — produziria também alguma outra relação com a angústia.

Assim, nossa hipótese aponta que, na direção da cura, a consideração clínica pelo que de impossível há na causa da angústia, que poderia ser reduzido ao sintagma *não há relação sexual*, permitiria um giro lógico na relação do sujeito com a angústia, derivada de um giro em sua posição diante da divisão entre desejo e gozo: primeiro, do necessário para o impossível; e depois, do impossível para o

possível. A operação lógica que conecta o conceito de impossível ao possível é a negação da impossibilidade. Se algo não é necessariamente impossível, então é possível. Ou seja, enquanto o salto entre o “sempre castrado” para o “sempre não castrado” indicaria uma operação clínica que coloca em jogo uma lógica não toda fálica, esse giro no interior do processo analítico possibilita outro estatuto lógico para a angústia: uma angústia possível.

Neste ponto, uma precisão se faz importante. O afeto da angústia é, para Lacan, sinal do real, posto que articulado ao objeto *a* como aquilo que é irrepresentável pelo significante (Lacan, 1962-1963/2004, p. 191). Por isso, a aparição da angústia é uma das manifestações do real, que, para Lacan, pode ser escrito justamente como o impossível lógico, aquilo que não cessa de não se escrever. O esforço deste artigo é apontar, no entanto, que, no tempo de sua conclusão, a análise permite algum outro tratamento para isso que opera pela impossibilidade de sua inscrição — o objeto *a*. Se a angústia é signo do impossível, e necessariamente se faz presente a cada encontro com a causa do desejo na fantasia, ao fim de uma análise algo na relação com o objeto se transforma. O que nos parece é que a queda do objeto *a* e das identificações ao fim da análise opera outra experiência com a angústia.

A lógica modal nos parece um bom operador de leitura dessa alteração, porque em sua definição ela trata das modalidades de relação entre sujeito e predicado em determinada proposição. Logo, ela permite pensar que a relação se altera. Vejamos, não se trata de uma hipótese que leve em conta que o predicado se altera. Ou seja, a angústia não deixa de ser signo do real, mesmo depois de uma análise. Mas a relação do sujeito com a angústia e com o real pode alterar-se. O objeto *a* não deixa de ser irrepresentável, mas há algum outro tratamento da relação do sujeito com o impossível da não relação sexual que não seja pela via da fantasia — que implica necessariamente a angústia, ainda que formulada para proteger o sujeito dela. Atravessar a fantasia é, portanto, permitir uma confrontação outra com o real da pulsão.

O “nem sempre” freudiano aponta, portanto, para uma operação lógica que indica a assunção da possibilidade de “ter” e “não ter”, de “ser” e “não ser”, da mudança da partícula de contradição “ou” pela adição “e”. Uma angústia não mais *necessária* na ordem do que causa o sofrimento, nem própria ao *impossível* traumático, mas *possível*: com a qual seja possível, em termos freudianos, amar e trabalhar, ou, em termos lacanianos, desejar e gozar.

## Considerações finais

Até aqui, foi possível verificar que a angústia desempenha papel central na constituição subjetiva, sendo um ponto de referência tanto nas formulações teóricas de Freud quanto nas de Lacan. No entanto, parece-nos que o lugar da angústia

nas teorizações sobre o fim da análise carece ainda de melhor desenvolvimento. A hipótese que apresentamos neste artigo, de modo preliminar, é de que a lógica modal trabalhada por Lacan pode nos ajudar a pensar a operação clínica com a angústia ao longo de um tratamento analítico.

Em nossa leitura, foi possível localizar que, no quadro da fantasia, a angústia, mediana entre gozo e desejo, é experienciada como necessária quando algo ameaça a castração. No entanto, a sustentação da angústia ao longo de uma análise — ao contrário de sua negação, como acontece no campo da psicologia psiquiátrica — permite a interrogação daquilo que está no lugar de causa para o sujeito. O que o leva a clinicamente confrontar-se com algo que, do ponto de vista lógico, tem a dimensão do impossível: a impossibilidade de fazer existir a relação sexual instituída uma abertura para uma lógica não toda fálica.

A queda do objeto *a* e das identificações defensivas do sujeito não implica que não haverá mais angústia ao fim de uma análise, mas que ela *nem sempre* aparecerá como mediana entre desejo e gozo. É aí que localizamos o estatuto lógico do possível. Posto que se a fantasia até então conduzia a uma angústia necessária, que não cessava de aparecer na relação do sujeito com o desejo e o gozo, a travessia da fantasia permitiria fazer cessar de necessariamente aparecer a angústia. O que levaria a uma relação possível com a angústia, posto que advertida do impossível da não relação sexual. Uma cura que não é a eliminação da angústia, mas a capacidade de sustentá-la de maneira diferente, sem o sofrimento neurótico.

Ainda que este artigo apresente um ensaio sobre a utilização da lógica modal para pensar o lugar da angústia no fim de análise, as questões que nos mobilizam nesse tema ainda estão longe de encontrar uma conclusão. Isso porque nos parece importante esclarecer melhor a articulação entre angústia e objeto *a* no fim de análise, na medida em que a destituição subjetiva, que implica a mudança de função do objeto *a*, não mais como resposta à falta no Outro e à não relação sexual, parece implicar também alguma mudança possível na relação do sujeito com a angústia.

## Referências bibliográficas

- Bispo, F. S., & Couto, L. F. S. (2011). Ética da psicanálise e modalidades de gozo: considerações sobre o Seminário 7 e o Seminário 20 de Jacques Lacan. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 121-129. Recuperado de <http://old.scielo.br/pdf/epsic/v16n2/v16n2a02.pdf>
- Coscarelli, B. C. (2008). *Introdução à lógica modal*. Dissertação de mestrado. Instituto de Matemática e Estatística. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

- Freud, S. (1996). *Estudos sobre a histeria* (J. Strachey, Trad.). In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 1-335). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2014). *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (P. C. de Souza, Trad.) (1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926-1929)
- Freud, S. (2018). *Análise terminável e interminável* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2004). *O seminário, livro 10: a angústia* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Pacheco, A. L. P. (2012). Por uma prática sem valor: a suficiência e a conveniência poética do psicanalista. *Livro Zero: Revista de Psicanálise – O sintoma: sua política, sua clínica*, São Paulo: FCL-SP/EPFCL-Brasil, 1(2), 85-100.
- Santos, J. V. (2020). *Significantes mal-comportados: o fantasma e a lógica paraconsistente*. Dissertação de mestrado em psicologia clínica. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil.

**Recebido:** 01/11/2024

**Aprovado:** 15/11/2024